

A ORAÇÃO DOMINICAL

*Boaventura Kloppenburg**

Resumo

Sendo um resumo do Evangelho, a oração do Pai-nosso mostra os interesses mais centrais e as preocupações mais santas. Apresentando Deus como Pai, inicia a oração de forma inovadora, mas profundamente radicada na experiência de Jesus. Seguem-se as petições, primeiramente referentes à piedade e ao ajustamento da criatura ao Criador e, depois, com relação às necessidades humanas.

Palavras-chave: Pai-nosso; experiência de Jesus; petições.

Abstract

Being a summary of the Gospel, the prayer of the Lord's Prayer presents the more central interests and worries. Presenting God as Father, the prayer begins with an innovative form, but deeply rooted in the experience of Jesus. Then are presented the petitions, first regarding the piety and the adjustment of the creature to the Creator and, finally, regarding the human needs.

Key words: Lord's prayer; Jesus' experience; petitions.

A oração do Pai-nosso é o breviário ou o resumo do Evangelho. E a oração é também a chave que nos abre o acesso à pregação de Jesus. Pois, se quisermos conhecer os desejos mais acalentados, os interesses mais centrais e as preocupações mais

* Dr., Bispo emérito da Diocese de Novo Hamburgo, RS.

santas de um homem, teremos que auscultar sua oração. Tudo aquilo que importava realmente a Jesus, suas preocupações íntimas, está resumido nesta prece, por ele próprio, em poucas palavras. Seguiremos o texto que nos foi conservado por São Mateus no sermão da montanha (6, 9), e que o introduz com estas palavras: “Tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora ao teu Pai, ocultamente, e o teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará” (*Mt* 6,6).

A invocação inicial

1 Jesus inicia sua oração dando a Deus o título de Pai. Mas isso não é coisa que se entenda por si mesma. Pelo contrário, temos necessidade de uma especial permissão de Jesus e até de um forte encorajamento, da parte dele, para usarmos um título de tanta confiança e familiaridade. O pai é aquele que, com sentido e responsabilidade, organiza a vida da família e prevê o que cada um precisa (cf. *Mt* 13, 52). A vida da família gravita em torno do pai, sua operosidade, sua capacidade, sua sabedoria.

Mas na oração do Senhor, o Pai parece ser especial. Marcos nos transmite a oração do Horto da seguinte forma: “Abba, Pai, tudo te é possível” (*Mc* 14, 36). São Paulo escreve aos gálatas: “A vós, porém, como sois filhos, mandou Deus o espírito de seu Filho, que em vós clama: Abba, Pai!” Assim também escreve aos romanos 8, 15: “Recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba, Pai!”

Por que será que aqueles primeiros cristãos, que entre si falavam grego, conservaram em seu evangelho a palavra aramaica, com que Jesus começava a sua oração e se dirigia a seu Pai eterno? Não seria porque consideravam o título *abba* como particularmente característico de Jesus? O título de Abba deve ter-se tornado tão usual nas comunidades, que falavam aramaico e sírio, que, mesmo os cristãos que falavam grego, se apossaram dele e o conservaram pondo ao lado a tradução em língua grega.

Observa o excelente exegeta alemão Heinz Schürmann (*A Oração do Senhor*, Edições Loyola, 1983), que o “Pai, no texto grego, nas três passagens citadas, está no nominativo com artigo (*ho patér*), o que, no grego, usado em épocas posteriores, tem o sentido de vocativo. O fato de a fórmula *abba*, tanto na tradição de Marcos como nos escritos de São Paulo, ter sido traduzida por *ho patér*, admite pelo menos a suspeita de que, em ambos os casos, ainda exercia a sua influência um Pai-nosso primitivo, que começava com esta invocação. Essa oração deve ter sido traduzida para o grego muito cedo e de maneira uniforme, talvez já no círculo de Estêvão, na parte da comunidade de Jerusalém que falava grego.

Assim podemos supor que falar a Deus, dando-lhe o título de *abba*, tinha-se aprendido de boca do próprio Jesus. Mas esse título não tem paralelo nas orações judaicas do tempo de Jesus. Nas orações ninguém ousava empregar a forma singela e confiada *abba* com que as crianças, na linguagem aramaica popular, costumavam falar com seu pai terreno, e que nós “talvez poderíamos traduzir como querido pai”, “paizinho”, “papai”. Pois mesmo na língua popular do aramaico usava-se o mais solene vocábulo hebraico “ab”.

Jesus tem a ousadia de falar com Deus, empregando o título de *Abba*, confiante e familiar das criancinhas. Daí a conclusão de Heinz Schürmann: “Há, pois, muitos indícios de que o próprio Jesus usou este título de *abba* no Pai-nosso (e também em outras ocasiões) e inculcou assim este mesmo ensinamento aos seus discípulos. Sem essa suposição, não se poderia explicar a persistência deste costume, nas primitivas comunidades cristãs”.

Por isso o Catecismo (n. 2777) nos recorda que, na liturgia, a assembléia eucarística é convidada a rezar o Pai-nosso com ousadia filial. Diante da sarça ardente foi dito a Moisés: “Não te aproximes daqui; tira as sandálias” (*Ex 3,5*). Esse limiar da santidade só Jesus podia transpor. Daí a exclamação do S. Pedro

Crisólogo, citada pelo Catecismo: “A consciência que temos de que nossa situação de escravos nos faria desaparecer debaixo da terra, nossa condição terrestre se reduziria a pó, se a autoridade de nosso Pai e o Espírito de seu Filho não nos levasse a clamar: *Abba, Pai!* Quando ousaria a fraqueza de um mortal chamar a Deus seu Pai, senão apenas quando o íntimo do homem é animado pela Força do alto?”

Esse poder do Espírito que nos introduz na oração do Senhor, se expressa pela bela palavra tipicamente cristã: *parrhesia*: simplicidade sem rodeios, confiança filial, jovial segurança, audácia humilde, certeza de ser amado.

2 Mas este “paizinho” não deve ser infantilizado. Ele é o Pai que “está no céu”! É o Pai celeste! Ele tem seu trono no céu. A expressão bíblica não significa um lugar (“o espaço”), mas uma maneira de ser; não o afastamento de Deus, mas sua majestade. Nosso Pai não está “em outro lugar”, ele está para além de tudo quanto possamos conceber a respeito de sua santidade. Assim fica expressa sua superioridade acima de todas as coisas terrenas e sua alteza fora de qualquer alcance meramente natural. Ele é simultaneamente rei. Quem reza ao Pai, ao mesmo tempo tem que se haver com o rei, com sua santidade, com sua soberania e o cumprimento de sua vontade. A este Deus excelso, sentado no trono altíssimo dos céus, é que somos convidados, segundo a mente de Jesus, a dar o nome e o título familiar de “querido Pai”. Precisamente por ser Pai amoroso é que ele é o Senhor e soberano.

Recomenda-nos o Catecismo (n. 2779) que, antes de fazer nossa essa primeira exclamação, convém purificar humildemente nosso coração de certas imagens falsas deste mundo. A humildade nos faz reconhecer que “ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”, isto é, “aos pequeninos” (*Mt 11, 25-27*). Deus, nosso Pai, transcende as categorias deste mundo criado. Transferir a ele, ou contra ele, nossas idéias, nesse campo, seria fabricar ídolos para adorar ou demolir.

Orar ao Pai é entrar em seu mistério, tal como ele é, e tal como o Filho no-lo revelou. A essa altura, o Catecismo nos recorda uma observação de Tertuliano, segundo a qual a expressão Deus Pai nunca fora revelada a ninguém. Quando o próprio Moisés perguntou a Deus quem ele era, ouviu outro nome. A nós este nome foi revelado no Filho.

3 À versão que dessa oração nos dá São Mateus acrescentou-se expressamente a palavra “nosso”. Pai nosso. A reza em grupo nas comunidades palestinas exigia mesmo essa explicitação. Segundo Marcos 3,30 ss, são irmãos de Jesus todos aqueles que fazem a vontade de Deus e escutam nas suas palavras a revelação divina. Origina-se, assim, uma nova comunidade, daqueles que se abrem à mensagem de Jesus e à ação salvífica de Deus. Todo aquele que diz “querido Pai” a Deus acha-se incorporado num corpo social com aqueles que rezam da mesma maneira como eles. Quem chama Deus de Pai descobre, no mesmo instante, que tem irmãos, que nunca poderá apresentar-se ao Pai solitário e sem companhia.

Os sete pedidos

Jesus permite a seus discípulos dirigir-se a Deus assim como ele mesmo falara, com a mesma confiança filial, sem banalização e com o coração aberto aos irmãos.

1 Abba, Papai nosso, *santificado seja o vosso nome*. O termo santificar deve ser entendido aqui sobretudo em seu sentido estimativo: reconhecer como santo, tratar de maneira santa. Na adoração se transforma também em louvor e ação de graças. No Magnificat cantava a santa Virgem Maria: Minha alma engrandece o Senhor, levanta, exalta, louva. Santificar a Deus significa reconhecer e fazer valer a Deus em toda a sua grandeza e alteza, prestar-lhe todos os reconhecimentos, honra e respeito que lhe é devido.

Mais frequentemente dá-se à palavra o significado de glorificar. Um paralelo, que surpreende por uma certa concordância com essa explicação, se encontra em *Jo* 12, 28: “Pai, glorifica o teu nome!” É uma petição que, dando o mesmo título a Deus, pode suspeitar-se que ateste e traduza o desejo inicial do Pai-nosso. Assim poderíamos dar, em versão livre, o desejo que Jesus expressa na oração da seguinte forma: “Pai, seja glorificado, tua glória se torne visível!” Aqui tocamos o cerne do interesse religioso de Jesus, que ao mesmo tempo foi a alma de toda a sua pregação, como também de todas as suas exigências morais. Seu agir e seu falar são sempre um engajamento por Deus. Em Jesus tornou-se visível uma atitude teocêntrica, que não encontra igual na história das religiões. É nele que o mundo se abriu para Deus. “A Deus o que é de Deus!” (*Mc* 12, 17). Esta resposta de Jesus compreende, como numa senha brevíssima, toda a sua vontade. Por isso se diz que é preciso amar a Deus “de todo o coração, de toda a alma, de toda a mente e com todas as forças” (*Mt* 12, 28-34). Por isso Deus deve exigir um serviço exclusivo (*Mt* 6, 24), uma entrega total (*Mc* 12, 44); é necessária uma totalidade para Deus, uma resolução definitiva (*Mc* 9, 42), uma justiça perfeita (*Mt* 5, 20).

Essa preocupação última e mais profunda de Jesus, a saber, que o ser Deus, seja aceito e valorizado totalmente, é a alma da pregação de Jesus e de suas exigências morais, mas anima também a oração do Senhor, tanto no seu todo quanto em cada uma de suas petições em particular.

2 *Abba, Papai, venha a nós o vosso reino.* A súplica nos coloca diante do cerne da mensagem de Jesus. O Reino ou o Reinado de Deus marcou, sem dúvida, o destino de Jesus de Nazaré. Sua vida, sua oração e sua pregação giravam em torno do Reinado do Pai. A Basiléia de Deus não é uma utopia que esperamos, ou um projeto futuro, talvez ainda distante. Seria uma visão veterotestamentária. Há uma diferença fundamental entre a

expectação judaica e a esperança cristã. Para os cristãos, o Reinado já chegou e está atuando. Já é objeto da fé cristã.

Abba, Papai, venha o vosso Reinado. É o compêndio do pensamento, do desejo e de ânsia de Jesus. A chegada da Basílica é para Jesus tudo o que interessa e o único que cativa seu coração. O Reinado do Pai chega como uma dádiva para nós. O orante sabe que esse Reinado é dado, legado, prometido e recebido como herança. O Reinado de Deus se torna salvação para o homem. Pois onde se realiza seu Reinado, acontece também a redenção e a santificação do ser humano.

A busca fundamental para a vida humana e cristã foi anunciada pelo divino Mestre do Reino com estas palavras: “Não procureis o que comer ou beber; e não vos inquieteis! Pois são os gentios deste mundo que estão à procura de tudo isso; vosso Pai sabe que tendes necessidade disso. Pelo contrário, buscai o seu Reinado e estas coisas vos serão acrescentadas” (Lc 12, 29-31). “Tratai de descobrir em primeiro lugar o Reinado de Deus e sua justiça” (Mt 6, 33).

“O Reinado de Deus não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17). Vivemos o tempo da efusão do Espírito Santo. Trava-se um combate decisivo entre a carne e o Espírito. “Só um coração puro pode dizer com segurança: Venha a nós o vosso Reino”, dizia S. Cirilo de Jerusalém, citado pelo Catecismo no n. 2519; e continuava: “É preciso ter aprendido com Paulo para dizer: Portanto, que o pecado não impere mais em vosso corpo mortal. Quem se conserva puro em suas ações, em seus pensamentos e em suas palavras pode dizer a Deus: Venha o vosso Reino”.

3 Abba, Papai, *seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu*. “Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos Céus; mas, sim, aquele que pratica a vontade de Deus que está nos céus” (Mt 7, 21). Faz-se, então, uma das mais impressionantes revelações do Senhor Jesus: “Muitos me

dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome que expulsamos demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres? Então, sem rodeios, eu lhes direi: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (*Mt 7, 22-23*).

Deus nos pede a obediência à sua vontade manifestada como efeito de nossa eleição e de nossa própria e livre determinação. Cumprir a vontade de Deus não é a capitulação do mais débil diante do mais forte: é simplesmente a confiança no Pai, cuja bondade nos ajuda a realizar-nos plenamente como seres humanos. Nesse sentido, a obediência à vontade de Deus é, antes de tudo, uma disposição firme e constante para a prática do bem.

Precisamos refletir sobre uma afirmação do Senhor Jesus em Mateus 12, 46-50: ocupado em instruir as multidões, sua mãe e seus irmãos estavam fora, procurando falar com ele. Jesus respondeu àquele que o avisou: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” E, apontando para os discípulos com a mão, declarou: “Aqui estão a minha mãe e os meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe”.

Há condições para amar a Deus. Jesus repete várias vezes esta disposição básica: “Quem tem os meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei e a ele me manifestarei” (*Jo 14, 21*).

Por isso Jesus nos ensinou a rezar no Pai-nosso: “Seja feita a vossa vontade”.

4 *Abba, Paizinho, o pão nosso de cada dia nos dai hoje.* É bela a confiança que tudo espera de seu Pai. Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair chuva sobre justos e injustos (*Mt 5,45*). E dá a todos os seres vivos “o alimento a seu tempo” (*Sl 104, 27*).

O pão nosso. O Pai que nos dá a vida não pode deixar de nos dar o alimento necessário à vida, todos os bens úteis, materi-

ais e espirituais. No Sermão da Montanha Jesus insiste nessa confiança filial que coopera com a Providência de nosso Pai. “Aos que procuram o Reino e a justiça de Deus ele promete dar tudo por acréscimo. Com efeito, tudo pertence a Deus: a quem possui Deus, nada lhe falta, se ele próprio não falta a Deus”, observa S. Cipriano, citado pelo Catecismo no n. 2830.

Mas a existência de homens que padecem fome, por falta de pão, revela outra profundidade desse pedido. O drama da fome no mundo convoca os cristãos, que rezam, a uma responsabilidade efetiva em relação a seus irmãos. Como o fermento na massa, a novidade do Reino deve elevar o mundo pelo Espírito de Cristo. Deve manifestar-se pela instauração da justiça nas relações pessoais e sociais, econômicas e internacionais, sem nunca esquecer que não existe estrutura justa sem seres humanos que querem ser justos.

Trata-se de “nosso” pão, “um” para “muitos”. A pobreza das bem-aventuranças é a virtude da partilha que convoca a comunicar e a partilhar nos bens materiais e espirituais, não por coação, mas por amor, para que a abundância de uns venha em socorro das necessidades dos outros.

“Ora et labora”: reza e trabalha, dizia São Bento. E Santo Inácio de Loyola acrescentava: “Rezai como se tudo dependesse de Deus e trabalhai como se tudo dependesse de vós”. Tendo realizado nosso trabalho, o alimento fica sendo um dom de nosso Pai e, nesse sentido, da bênção da mesa na família cristã.

Este pedido e a responsabilidade que ele implica valem também para uma outra classe de fome da qual os homens padecem. “O homem não vive apenas do pão, mas de tudo aquilo que procede da boca de Deus” (*Dt* 8,3; *Mt* 4,4), isto é, de sua palavra e do Espírito. Devem os cristãos envidar todos os seus esforços para “anunciar o Evangelho aos pobres”. Há fome na terra, “não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra de Deus” (*Am* 8, 11). Por isso o sentido especificamente cristão desta quar-

ta petição se refere ao Pão da Vida: a Palavra de Deus que se deve acolher na fé, o Corpo de Deus recebido na Eucaristia.

5 Abba, Paizinho, *perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido*. Com audaz confiança, começamos a rezar. Suplicamos-lhe que seu Nome seja santificado, lhe pedimos que nós mesmos sejamos santificados. Mas, embora revestidos da vestidura batismal, não deixamos de pecar, de separar-nos de Deus. Agora, com esta nova petição, voltamos a ele como filhos pródigos. E nos reconhecemos pecadores diante dele como o publicano. Nosso pedido começa com uma confissão na qual afirmamos, ao mesmo tempo, nossa miséria e a misericórdia do Pai. Nossa esperança é firme, porque, em seu Filho, “temos a redenção, a remissão de nossos pecados” (*Cl* 1, 14; *Ef* 1,7). O sinal eficaz e indubitável de seu perdão o encontramos nos sacramentos da Igreja.

Mas o temível é que esse desbordamento de misericórdia não pode penetrar em nosso coração, enquanto não perdoamos o que nos ofenderam. Não podemos amar o Deus que não vemos, se não amamos o irmão, a irmã, que vemos. Quando nos recusamos a perdoar nossos irmãos e irmãs, nosso coração se fecha, sua dureza torna-se impermeável ao amor misericordioso do Pai. Mas na confissão do próprio pecado, o coração se abre à sua graça.

Este pedido é tão importante que é o único pedido ao qual o Senhor depois volta: “Pois, se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celeste vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos” (*Mt* 6, 14-15).

... *Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*. Este “como” não é o único no ensinamento de Jesus. “Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celestial” (*Mt* 5, 48). “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (*Lc* 6, 36). Assim adquirem vida as palavras do Senhor sobre o perdão. A pa-

rábola do servo desumano, que coroa o ensinamento do Senhor sobre a comunhão eclesial, termina com estas palavras: “Eis como meu Pai celeste agirá convosco, se cada um de vós não perdoar, de coração, ao seu irmão”. Com efeito, é “no fundo do coração” que tudo se faz e se desfaz. “Não está em nosso poder não mais sentir e esquecer a ofensa; mas o coração que se entrega ao Espírito Santo transforma a ferida em compaixão e purifica a memória transformando a ofensa em intercessão”, ensina o Catecismo no n. 2843.

A oração cristã chega até ao amor dos inimigos. Transfigura o discípulo, configurando-o com o Mestre. O perdão é o cume da oração cristã. Não há limite nem medida nese perdão. Tratando-se de ofensas (“pecados”, segundo *Lc* 11,4, ou “dívidas”, segundo *Mt* 6, 12), de fato somos sempre devedores. “Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mútuo” (*Rm* 13,8).

6 Abba, Paizinho, *não nos deixeis cair em tentação*. Nossos pecados são frutos do consentimento na tentação. Pedimos ao Pai que não nos deixe cair nela. “Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta” (*Tg* 1,13). Ao contrário, ele nos quer livrar dela. Nós lhe pedimos que não nos deixe enveredar pelo caminho que conduz ao pecado. Estamos empenhados no combate entre a carne e o Espírito. Este pedido implora o Espírito de discernimento e de fortaleza.

É importante saber que o Espírito Santo nos faz discernir entre a provação, necessária ao crescimento do homem interior, em vista de uma virtude comprovada, e a tentação, que leva ao pecado e à morte.

É necessário discernir também entre “ser tentado” e “consentir” na tentação. O discernimento desmascara a mentira da tentação: aparentemente seu objeto é “bom, sedutor para a vista, agradável” (*Gn* 3,6), mas na realidade seu fruto é a morte.

“Não cair em tentação” implica uma decisão do coração. “Onde está o tesouro aí está também teu coração”. “Ninguém

pode servir a dois senhores” (*Mt* 6, 21.24). “Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta” (*Gl* 5,25). O Pai nos dá a força para este “deixar-nos conduzir” pelo Espírito Santo. “As tentações que vos acometeram tiveram medida humana. Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Mas com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a superar” (*ICr* 10, 13).

Porém, esse combate e essa vitória só são possíveis com a oração. Por meio de sua oração, Jesus é vencedor do tentador. Nessa petição a nosso Pai, Cristo nos une a seu combate e à sua agonia. A vigilância do coração é recordada com insistência em comunhão com a sua.

Este pedido adquire todo o seu sentido dramático, no contexto da tentação final de nosso combate na terra. Pede a perseverança final. “Eis que venho como um ladrão: feliz aquele que vigia!” (*Ap* 16, 15).

7 *Abba, Paizinho, mas livrai-nos do mal.* O último pedido ao nosso Pai aparece também na oração de Jesus: “Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno” (*Jo* 17, 15). Nesse pedido o Mal não é uma abstração, mas designa uma pessoa: Satanás, o Maligno, o anjo que se opõe a Deus. O “diabo” é aquele que “se atravessa” no desígnio de Deus e sua obra de salvação cumprida em Cristo.

“Homicida desde o princípio, mentiroso e pai da mentira” (*Jo* 8, 44), “Satanás, sedutor de toda a terra habitada” (*Ap* 12,9). Foi por ele que o pecado e a morte entraram no mundo e é por sua derrota definitiva que a criação toda inteira será libertada da corrupção do pecado e da morte. “Sabemos que todo aquele que nasceu de Deus não peca; o Gerado por Deus se preserva e o Maligno não o pode atingir. Nós sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro está sob o poder do Maligno” (*IJo* 5,18-19).

A vitória sobre o “príncipe deste mundo” (*Jo* 14,30) foi alcançada, de uma vez por todas, na hora em que Jesus se entre-

gou livremente à morte para nos dar sua vida. Por isso o Espírito e a Igreja rezam: “Vem, Senhor Jesus” (*Ap 22, 17.20*), porque a sua vinda nos livrará do Maligno.

“Livrai-nos de todos os males, ó Pai, e dai-nos hoje a vossa paz. Ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e protegidos de todos os perigos, enquanto, vivendo a esperança, aguardamos a vinda do Cristo Salvador”, rezamos na Santa Missa, depois do Pai-nosso.